

5 Fecha-se a correspondência

Uma confissão aqui se faz necessária. À medida em que fomos nos aproximando desse momento final, dessa etapa inevitável de fechar a correspondência beckettiana e deixá-la se consubstanciar em um apanhado de reflexões nossas a seu respeito, fomos entendendo que muito ficaria de fora. E ficamos constantemente com a vontade de continuar, com a sensação de estar apenas começando, já que o que não falta aqui é *possibilidade*.

O *corpus* escolhido é monstruoso. Ele abarca onze anos da vida de um atormentado e prolífero escritor e correspondente que escreve sobre os mais diversos temas desenfreada e despudoradamente. A música, por exemplo, ele mais admirava do que dominava (mesmo que teoricamente), mas ainda assim era frequente tema de debate. A pintura, depois da literatura, talvez seja a arte mais presente em suas cartas, Beckett descreve com detalhes magníficos não só quadros, mas também sua disposição nos museus ou galerias em que os tinha visto, às vezes anos antes. Tem uma memória visual incrível, pintores remetem a outros pintores e até a escritores. A arte nas cartas beckettianas é sinestésica.

Também optamos por não adentrar a profusa crítica literária das cartas. Seria impossível aqui abordarmos esse tema de maneira adequada sem aprofundarmo-nos, nós mesmos, nas suas prateleiras, nas suas leituras, sem buscarmos conhecer melhor seu paideuma. A atividade mais constante no jovem Beckett era ler e com uma rapidez impressionante. As conexões que cria também são muitas e muito particulares. Devorava obras de diferentes épocas e “escolas” e, na maioria das vezes, em suas línguas originais.

Além disso, trata-se de um correspondente poliglota que faz da Irlanda, França e Alemanha seus países alternativos do período; e de suas respectivas línguas, partes integrantes e resultantes de seu tão próprio jogo da linguagem. Nosso trabalho se estende na base de um tripé cambaleante e sem descanso: a leitura, a tradução e a interpretação das cartas. E no caso de Beckett em particular, essa tríade não deixa de se interpenetrar e confundir. Seu pensamento explora a potência do paradoxal, sua escrita é complexa e sempre em idiomas estrangeiros a nós. Se é verdade que o inglês ainda era àquela altura a língua mais presente, o francês vem logo em seguida querendo e conseguindo muito espaço, e o alemão ainda que tímido, no nosso caso ganhou grande destaque dado o lugar da Carta

Alemã na economia deste trabalho. É preciso dizer que nosso conhecimento dessas línguas vai na mesma direção, nosso conforto com o inglês é maior do que com o francês e este, por sua vez, maior do que com o alemão; procuramos jogar a favor das limitações com as línguas estrangeiras beckettianamente, explorando a fertilidade da língua desconhecida, desacostumada, estranha. Percorremos terras estrangeiras propositadamente minadas por quem as concebeu, e também para quem foram concebidas. As cartas refletem a particularidade de certas trocas entre o *de* e o *para*. Aterrissamos nelas como alienígenas novatos sem muita intimidade com esse esburacado solo.

O garimpo foi árduo, mas gratificante. Encontramos na correspondência do jovem Beckett um *embarras de richesse*. A pesquisa que nos propusemos a empreender aqui reflete, primordialmente, um levantamento dos pensamentos sobre a linguagem que se oferecem nessas cartas: no caso dele, diante do caráter performativo do seu pensar, eles estão em toda parte. A seleção de passagens que fizemos, ainda que sempre com a intenção de trazer aquilo que de mais relevante se mostrava, não tem qualquer pretensão de dar conta do todo nem de reduzi-lo a qualquer demarcação ou nomeação que seja.

E mantendo a nossa militância por campos extrateóricos, leiamos um Derrida confessional que aparece numa entrevista falando a respeito de Beckett. Lá, o ouviremos admitir que “evitava” esse autor que, em suas palavras, “fazia a linguagem tremer”. Na sua opinião, é muito difícil “evitar a insipidez da suposta metalinguagem acadêmica”¹. Quanto a nós, reconhecemos a contundência dessas limitações e, sem almejar esboçar uma filosofia ou teoria, nos felicitamos com a descrição primordialmente, adicionando pontes ainda em construção que deverão e serão levadas em frente futuramente.

A escolha de trazer para esse trabalho um diálogo intenso com o escritor e com as palavras de suas cartas não se deu ao acaso. Abrir sua correspondência é termos acesso a um Beckett sem as barreiras que sempre costumou impor a seus conhecidos e desconhecidos e, principalmente, a seu público. Ele sempre fez questão de abster-se de falar de seu trabalho. A oportunidade de ler as cartas de sua juventude, mais do que uma aproximação com a sua obra em particular, nos deu acesso livre a um momento privilegiado de seu amadurecimento como escritor, como pessoa e, sobretudo, a possibilidade de acompanharmos um estágio

¹ DERRIDA, *Acts of Literature*, p. 44. A tradução para o português é nossa.

importante de suas reflexões e experimentos *com* e *na* linguagem. Como havíamos dito antes, reconhecemos no correspondente um cientista maluco da língua que, despreziosamente – ou nem tanto –, ia conhecendo os defeitos da palavra, a potência de sua falha e os efeitos que daí podiam surgir. Foi um privilégio acompanhar de perto sua linguagem se fazendo e desfazendo no próprio ato da escrita, na sua troca epistolar.

Uma vez que, no presente caso, vida e trabalho se entrecruzam, vimos, nas cartas, os “males” beckettianos deixarem de ser privativos de um ou outro terreno, para tornarem-se um só. A imobilidade e a inércia atingem suas iniciativas no plano da escrita e do crescimento pessoal. A impossibilidade se mostra presente tanto no entendimento entre as pessoas como no sucesso de suas iniciativas particulares, sejam elas literárias ou pessoais.

A doença prejudica sua saúde e Beckett procura ajuda na escrita, na linguagem, para uma “cura” que não parece ser capaz de vir de fora, de médicos que, em suas palavras, “*nunca fazem o que pedimos*”². Se certos remédios não funcionam – “*a aspirina foi uma armadilha e o café, um delírio*”³ –, ele não tem qualquer pudor em partir em busca de uma medicina alternativa: “*Depois de postar essa carta, vou tomar um banho turco & entorpecer meus nervos em uma duração transpirante*”⁴. O transpirar, o suor, o vaziar, era capaz de aliviar seu esgotamento interno. Ele deixava pingar, deixava ser. Entendemos que, para o autor, “*o movimento por si só constitui uma espécie de anestesia*”⁵. E a anestesia, aqui, pode e deve relacionar-se a um proveitoso e almejado escapar. “*Você pode imaginar uma presa em ebulição?*”⁶, pergunta certa vez a uma amiga.

Em um dado momento, vemos a dor alcançar sua boca, numa confissão, “*Meus dentes tem me atormentado e alguns tem que ser arrancados e alguns tem que ser repostos e estou sentindo muita pena de mim mesmo*”⁷. A condição de paciente parecia, de alguma forma, agradar. Beckett mesmo o assume. Após ter sido operado do pescoço, a respeito de sua temporada no hospital, diz “*Tenho um quarto satisfatório, cheio de sol pela manhã, e é prazeroso o suficiente estar deitado na cama dormindo & lendo & sentindo-me vagamente mimado & vitimizado e*

² SB para Thomas MacGreevy, antes de 5 de agosto de 1930, TLSB, p. 36.

³ SB para Thomas MacGreevy, verão de 1929, TLSB, p. 11.

⁴ SB para Thomas MacGreevy, 24 de fevereiro de 1931, TLSB, p. 68.

⁵ SB para Morris Sinclair, entre 13 de julho e 2 de agosto de 1934, TLSB, p. 214.

⁶ SB para Nuala Costello, 10 de maio de 1934, TLSB, p. 208.

⁷ SB para Thomas McGreevy, 3 de fevereiro de 1931, TLSB, p. 64.

*cômico, tudo ao mesmo tempo*⁸. Passa, finalmente, a sentir saudades do conforto do lar: “*devo deitar-me numa cama grande toda para mim com uma leve dor, recebendo atenção*”⁹. Mas também o veremos, sem qualquer vergonha, confirmar um outro proveito, uma segunda intenção, como resultado de seu frágil estado, “*Quanto mais doente ficar quando chegar em casa, melhor, isto vai adiar a representação*”¹⁰.

Ao mesmo tempo que era atormentado por males físicos e que ansiava por sua melhora, por sua recuperação, eles pareciam lhe trazer também, quando presentes, algum tipo de paz de espírito. A prisão à cama, a imobilidade da doença, o atrelamento à debilidade, parecia lhe ser inspirador porque sem barreiras nem pressões, assim como desejava que fosse vista, pensada e vivida a linguagem, deslocada de qualquer “centro” em que a quisessem colocar.

E uma vez que o rumo logoclasta se mostra aqui uma viável via torta para sua existência, e a língua seu objeto de dedicação e ataque, terminemos com uma inspirada citação de Deleuze:

“o escritor, [...], não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro [...], mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cujas passagens o esgotam, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis.”¹¹

⁸ SB para Thomas McGreevy, 5 de dezembro de 1932, TLSB, p. 144.

⁹ SB para Mary Manning Howe, 18 de janeiro de 1937, TLSB, p. 422.

¹⁰ SB para Mary Manning Howe, 18 de janeiro de 1937, TLSB, p. 422.

¹¹ DELEUZE, *Crítica e Clínica*, p. 13-14.